

Martin Heidegger 1996:
Einleitung in die Philosophie,
in: *Gesamtausgabe* 27
(Wintersemester 1928/29).
Frankfurt am Main, Vittorio
Klostermann.
ISBN: 3-465-02892-9

RÓBSON RAMOS DOS REIS
Departamento de Filosofia da UFSM.

A publicação da obra de Martin Heidegger tem proporcionado excelentes materiais interpretativos. Os escritos dos anos 1919-23, por exemplo, fornecem o preenchimento para uma lacuna na história conceitual que conduziu à fenomenologia-hermenêutica *de Ser e tempo* (1927). No outro extremo, os escritos do final dos anos 20 e início da década de 30 têm contribuído decisivamente para a reconstrução da transformação do pensamento de Heidegger. Um dos cursos mais significativos recentemente publicados na *Gesamtausgabe* é a Lição de Inverno de 1928/29, proferida por Heidegger ao retornar definitivamente para Freiburg. Publicado em 1996, o texto leva o título de *Introdu-*

ção à Filosofia. O problema central do curso é apresentado de maneira simples, mas surpreendente. Heidegger quer uma introdução à filosofia, mas sem partir do pressuposto usual de que estaríamos fora dela e carentes de uma via que para lá nos conduzisse. Mesmo se fosse eficaz partir de alguma direção sacada da história da filosofia, permaneceria a dificuldade de que ainda necessitaríamos da orientação fornecida por uma noção prévia de filosofia.

Um outro caminho é percorrido: uma introdução à filosofia deve consistir no colocar em movimento o filosofar, no qual sempre estamos postos, de maneira explícita ou não, de modo rigoroso ou não. Para isso, parte-se de que o filosofar é constitutivo do próprio acontecer da existência humana: ser humano quer dizer filosofar. Assumida como uma pura afirmação inicial, esta premissa desdobra-se na seguinte colocação do problema.

A aparente condição de estar situado fora da filosofia tem a sua origem no fato de que o filosofar encontra-se adormecido, enroscado e aprisionado em nós. O filosofar estaria amarrado, desprovido de liberdade e do movimento possível: a filosofia não acontece em nós tal como poderia e deveria acontecer. Conseqüentemente, uma condução à filosofia somente pode ser o colocar em movimento do

para com um tipo determinado de existência, a saber: um existir que compreende no fundo e originariamente as possibilidades do *Dasein* humano, devendo ser um modelo a partir de tal compreensão (p. 7). Aqui Heidegger atinge o ponto decisivo de sua descrição: a profissão determinante da existência na Universidade é marcada pela chefia especial que a ciência proporciona. Ciência e chefia são os poderes (*Mächte*) determinantes da existência singular, descrita no instante respectivo do curso de inverno de 1928-29.

A compreensão prévia de filosofia que está sendo buscada começa a descobrir suas fontes. Dois passos decisivos ainda são dados. A chefia envolvida na profissão universitária tem um componente exemplar. Assim sendo, ela necessita de uma constante clareza e segurança: ela requer uma reflexão constante e renovada acerca das posições fundamentais do *Dasein* em face do ente em sua totalidade. Uma tal reflexão origina-se da situação existencial determinada, mas também retorna influentemente a ela. Ou seja, na chefia que marca a existência na Universidade está presente uma visão de mundo (*Weltanschauung*). Uma introdução ao filosofar deve colocar-se, então, a pergunta pela relação entre filosofia e ciência, e entre filosofia e concepção do mundo. O passo final

nesta construção é operado com uma consideração que introduz a relação entre filosofia e história. A filosofia e o filosofar são remetidos sempre à história, em particular, porque a filosofia se nos é oferecida a partir de uma tradição histórica. Pelo termo “história” (*Geschichte*), Heidegger tem presente não a ciência enquanto tal, mas o acontecer (*geschehen*) da própria existência. Há uma relação intrínseca entre filosofia e história. Logo, às duas primeiras perguntas subjaz uma terceira: de que modo a filosofia relaciona-se com a história, isto é, com o modo essencial do existir histórico humano? A elucidação dos três grupos de problemas – filosofia e ciência, filosofia e visão de mundo, filosofia e história – designa o primeiro estágio para a colocação em movimento do filosofar, para a condução à filosofia. A divisão central do texto da Lição previa o tratamento destes três tópicos. No entanto, assim como em outros cursos do período, Heidegger não leva a cabo completamente seu plano de exposição, e o texto que agora está publicado contempla apenas duas partes, acerca das relações entre *filosofia e ciência*, e entre *filosofia e concepção de mundo*.

Heidegger ainda apresenta algumas considerações elucidativas sobre um suposto antropocentrismo ou subjetivismo de seu princípio constru-

mento de entes e abertura do *Dasein*). Um terceiro passo consiste em deduzir o caráter existencial da ciência, na medida em que ela tem sua verdade enraizada na verdade existencial. Em conseqüência, abre-se a possibilidade de exibir como é possível a instituição de uma possibilidade existencial, tal como é o conhecer científico, a partir da existência cotidiana do *Dasein*. A resposta conhecida traz a noção de *tematização*, enquanto ato central para a fundação do modo científico de existir, a qual, por sua vez, remonta ao desocultamento dos entes e à compreensão de ser. Por fim, a noção de compreensão de ser, tomada como o projeto da constituição ontológica dos entes, a partir da qual torna-se descoberto e acessível algo assim como entes (e também algo como objetos para a descrição científica), é determinada como a possibilidade de realização da diferença ontológica (p. 223). Com o projeto de ser acontece a diferenciação do que é ente e do que é ser. Eis aqui o resultado central para o problema da relação entre ciência e filosofia: a noção de transcendência. O relacionamento para com entes, para com outros, e para consigo mesmo é possibilitado pela diferenciação entre ser e ente, pelo estar “além” dos entes, isto é, pelo transcender.

Ao cabo de sua exposição, Heidegger retoma a sua afirmação de

que a filosofia não é ciência, pois a ciência dependeria de uma projeção de ser capaz de instaurar a condição para a tematização de um domínio de objetos, cabendo à filosofia a conceitualização de tal projeção de ser. Além disso, dependendo da transcendência própria do *Dasein*, a ciência é igualmente exibida em sua determinação existencial. Por último, na medida em que o transcender é a constituição ontológica da existência, chega-se à tese inicial de que a filosofia pertence à essência humana enquanto tal. Ou seja, ao tornar-se explícita a transcendência e o filosofar enquanto tal, tornar-se igualmente essencial o *Dasein* em sua existência (p. 223).

Para o leitor familiarizado com *Ser e tempo* (1927) muitas destas afirmações soam completamente familiares. Não obstante, muitos conceitos estão mais desenvolvidos, com acentos diferenciados e descrições mais detalhadas. É o caso, por exemplo, da noção de verdade predicativa, dos diferentes significados de verdade (ôntica e ontológica), assim como do caráter social e compartilhado do *Dasein* e do desocultamento dos entes. Alguns elementos da analítica existencial também recebem acréscimos significativos, quando Heidegger desdobra a diferença entre uma existência científica e pré-científica, en-

no que exige uma contraposição a tal poder. Mais ainda, toda efetiva contraposição acontece já em meio ao atravessamento da potência dos entes em seu todo, realizando-se na forma de um compromisso compensatório imposto pela dispersão determinada nas direções da transcendência. Esta é uma das faces da negatividade da existência humana, cuja transcendência significa concretamente o desamparo (*Haltlosigkeit*) diante da presença ultrapotente dos entes. Existir no modo da transcendência significa, então, a indicação de possibilidades de apoio e sustentação. Assim sendo, ter *Weltanschauung* significa sustentar-se no ser-no-mundo, isto é, obter meios determinados para contornar o desamparo da transcendência, possibilitando o encontro – não necessariamente bem-sucedido – com aquilo que possa fornecer sustentação.

Mesmo reconhecendo que tais considerações apenas dão início a uma efetiva problematização da *Weltanschauung* (apresentando um grupo de perguntas fundamentais para a continuidade da elucidação), Heidegger acredita já possuir a base para voltar ao problema inicial, a saber, o exame da relação entre *Weltanschauung* e filosofia. Para determinar esta relação são consideradas duas possibilidades fundamentais no desenvolvimento da *Weltanschauung* (Heidegger pretende

que exista uma legalidade no acontecer próprio das formações da transcendência). Em função do modo como o desamparo da transcendência é manifesto e interpretado podemos ter duas formas básicas de *Weltanschauung*: abrigo (*Bergung*) e sustentação (*Haltung*). No primeiro caso, a potência superior dos entes é interpretada como um poder capaz de ser contornado precisamente pela submissão a ele. Não se trata de enfrentamento com a potência, mas de submissão que encontra abrigo no próprio poder superior (Heidegger discute aqui as formas do pensamento mítico). Já no segundo, enquanto uma forma derivada do primeiro, a *Weltanschauung* apresenta-se como sustentação, ou seja, a totalidade dos entes é objeto de uma contraposição, de uma disputa. O poder superior dos entes é enfrentado em uma contraposição que busca o domínio e o senhorio. É com base nesta forma de transcendência que podem surgir a ciência, a técnica e a filosofia. A contraposição que visa o domínio impõe a necessidade de investigação dos entes em suas legalidades. É nesta forma elementar da *Weltanschauung*, que também pode sofrer degenerações, que tem seu fundamento o filosofar. A relação entre filosofia e *Weltanschauung* não consiste na elaboração científica de uma concepção de mundo pelo filosofar, mas, ao contrá-

los específicos (Heidegger formulou apenas os títulos das três partes previstas no plano da *Vorlesung*). A riqueza de análises, o desenvolvimento original de problemáticas já presentes em *Ser e tempo* e nos cursos anteriores (sobre os conceitos de mundo, transcendência, fundamento, liberdade, essência, verdade, etc.), bem como

a introdução de novas temáticas (sobre o conceito de jogo, por exemplo) tornam este livro uma peça central para a compreensão do desenvolvimento filosófico de Heidegger ao final dos anos 20. Sem dúvida alguma, a tradução do livro seria de grande valor hermenêutico para uma história da filosofia do século XX.